**DISLEXIA: A INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO DISLÉXICO**

Kívia Pereira Queiroz

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, kiviapereirajp@hotmail.com

Maria Analia Pontes Neta

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, analiapontes17@gmail.com.

Marcos Barbosa de Aquino

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, marcosbarbosa.uern@gmail.com

**Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparativa da metodologia da professora do ensino fundamental da disciplina de língua portuguesa, com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) junto aos alunos disléxicos que atuam na escola Severino Bezerra de Pau dos Ferros/RN. Nosso apoio teórico foi: Rodrigues e Ciasca (2016), Marques (2014), Antunes (2009), Lima (2010), Brandão (2015), Ribeiro (2008), Fonseca (1995), Teles (2004), Nico e Lanhez (2002), Ferreira (2010). A pesquisa é de campo descritiva, caracterizada por um estudo de caso, tendo como instrumento a entrevista com perguntas abertas e fechadas, realizando-se uma pesquisa qualitativa. Através das análises feitas acerca das metodologias das professoras entrevistadas, se esclarece a importância da formação especializada para lidar com a dislexia, visto que a criança disléxica apresenta dificuldades em acompanhar o andamento de sua turma, pois seu desenvolvimento cognitivo e intelectual é estimulado de formas diferentes aos demais alunos, reagem melhor por meio da oralidade ou método multissensorial. Diante destas dificuldades apresentadas nos disléxicos é essencial que o professor não o exclua ou menospreze o aluno por apresentar tal dificuldade, na pesquisa está explícito que haja a equidade para com eles, pois mesmo que apresentem dificuldades na fluência da leitura e baixa competência ortográfica, eles são inteligentes em outras áreas, como por exemplo, na arte, por ser capaz de pensar mais em imagens do que em palavras eles criam imagens muito vívidas. Além de mostrar sobre as metodologias, outro ponto elencado nesse estudo é que dislexia não é uma doença.

**Palavras-chaves:** Dislexia. Escola. Metodologias. Dificuldades na aprendizagem.

1. **Introdução**

Baseando-se nas características e desafios encarados pelo professor com a dislexia no processo de aprendizagem, buscamos através de entrevistas com duas professoras, uma do ensino fundamental regular e outra do AEE (atendimento educacional especializado), entender e comparar a metodologia utilizada pelas mesmas com esses alunos.

Visto que atualmente é comum encontrarmos no âmbito escolar crianças com dificuldades na leitura e escrita que ao serem encaminhados para profissionais da área, podem ser diagnosticados com uma deficiência fonológica nomeada de dislexia. Deficiência essa que é perceptível logo nas séries iniciais, essa identificação se dar pela observação do professor e da família a alguns sinais, como dificuldades em montar quebra-cabeças, déficit de atenção entre outros sinais que são simples, mas ajudam na identificação da dislexia.

Diante do crescimento de crianças disléxicas nas escolas, temos como objetivos da pesquisa a observação e comparação das metodologias dessas professoras com esses alunos, visto que, todos têm direito a uma educação de qualidade, sem exclusão. E temos como propósito, através das observações feitas mostrarmos como tem acontecido a integração desses alunos ao sistema de aprendizagem com as respectivas professoras, no qual nota-se que é necessária uma qualificação dos professores para que possam ensinar a todos com equidade, ajudando aos disléxicos de uma forma justa no processo de aquisição da leitura para que o aluno sinta-se bem no espaço escolar.

Assim como Brandão (2015) consideramos essencial a presença dos familiares nesse processo de integração dos alunos disléxicos na sociedade junto aos professores, como um pilar para o seu desenvolvimento cognitivo e pessoal, tendo em vista sempre a compreensão das dificuldades tidas por estes alunos, para que se possa intervir de forma adequada, fortalecendo as relações afetivas no decorrer das práticas educativas para à construção de um vínculo de confiança entre os envolvidos (família e escola).

**2. A dislexia**

A dislexia é uma deficiência fonológica que atinge ao sistema neurológico. O indivíduo que possui a dislexia apresenta dificuldades em seu processo de aprendizagem logo nas séries iniciais. De acordo com Rodrigues e Ciasca (2016) não se sabe a causa exata dessa deficiência, mas através de estudos neurológicos constata-se que há diferenças no desenvolvimento e funcionamento cerebral nas pessoas disléxicas, com forte indicativo genético, pois 50% deles têm parentes com a mesma deficiência.

Essa deficiência tem sido estudada por diversos pesquisadores, pois ela não é tida como doença, apenas uma das dificuldades da aprendizagem, visto que os indivíduos que possuem a dislexia são inteligentes nas atividades que não lhe apresentam problema. A dislexia em 1896 era tida como cegueira verbal em um artigo publicado por Pringle Morgan citado por Marques (2014) em sua dissertação de mestrado, na qual era tratada como uma dificuldade que já estava presente desde o nascimento. Segundo os neuropsiquiatras essa dificuldade não é relacionada com problemas visuais, pois é decorrente de uma falha no sistema neurológico no qual ocorre uma disfunção cerebral.

Citado por Marques (2014, p. 29) o Neuropediatra Nuno Lobo Antunes, (2009) diz que a causa da dislexia é alguma área do cérebro que é responsável pela codificação da linguagem não está ativada, ou seja, “as pessoas com dislexia têm alguns fios cruzados que não levam as letras aos sítios do cérebro onde estão os sons das palavras”.

Numa perspectiva histórica a

[...] identificação deste transtorno ocorreu no final do século XIX em Stuttgart, Alemanha, por um oftalmologista, Rudolf Berlin, se referindo a um jovem que demonstrava grande dificuldade com a leitura e a escrita, porém apresentava habilidades, mentais normais em todos os outros aspectos. (LIMA, 2010, p. 10).

No decorrer das décadas de 1980 e 1990 segundo Lima (2010) a teoria de Orton chegou à conclusão que o lado esquerdo do plano temporal, que é área do cérebro responsável pelo processamento da linguagem, é fisicamente maior que o lado direito nas pessoas que tem a dislexia.

1. **Identificando o aluno disléxico**

Normalmente, a identificação de um aluno com dislexia se dá nos primeiros anos após o ingresso na escola, mais especificamente, segundo Brandão (2015) é diagnosticada no final da fase de educação infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental, quando, no desenvolvimento do processo de leitura e escrita, nota-se certo grau de dificuldade no processo de aprendizagem. E a descoberta desse distúrbio, conforme argumenta Florbela Ribeiro (2008) é, normalmente, percebida pelo professor do aluno do que pelos próprios pais, quando, é perceptível no, 2º e 3º ano, a dificuldade no processo de leitura, uma vez que, nessa faixa etária o aluno já deveria desenvolver bem essa capacidade.

Nota-se em alunos disléxicos um desenvolvimento mais lento em relação a outros alunos. Há uma “[...] persistência nos erros, mesmo recebendo ajuda”. (FERNANDES; PENNA, 2008, p. 13). Apresentam dificuldades em relacionar os sons às respectivas letras como também em diferenciar letras parecidas, falta de concentração em leituras longas, dificuldade na memorização de palavras, em relacionar as palavras aos objetos, troca de palavras por outras semelhantes, pronuncia incorreta das palavras, que ocasiona, consequentemente, a troca de silabas, letras dificultando a compreensão da leitura. De acordo com Brandão (2015) essa dificuldade na aquisição do processo de leitura e escrita ocasiona, posteriormente, uma dificuldade na compreensão de outras áreas do conhecimento.

Além da dificuldade na aquisição da leitura, a relação da afinidade e adaptação em determinadas matérias e aversão a outras, pode também prejudicar o desenvolvimento do aluno nos anos posteriores, uma vez que esse aluno não consegue se desenvolver plenamente em todas as matérias. No entanto

Podemos deparar-nos com alunos bons a História e menos bons a Matemática ou o inverso. Há alunos que gostam de determinadas matérias e desinvestem e fogem de outras. Assim, é frequente que lhes custe automatizar as noções espaciais e temporais, a sua leitura seja lenta e a expressão oral pode ser restrita, mas isto não impede que profissionalmente possam alcançar os seus níveis de aspiração incluindo os que exigem nível universitário. (RIBEIRO, 2008, p. 48).

Essa ideia pode ser mais bem representada por Brandão (2015, p.13) ao afirmar que “Os disléxicos podem apresentar dificuldades na aprendizagem, porém, por outro lado, desenvolvem habilidades em outras funções. [...] podem solucionar simples problemas e, [...] apresentar dificuldades na realização de tarefas de resoluções óbvias”. Nesse casso, o aluno pode ser bom em matérias consideradas mais complexas, como matemática e física e não ser bom em matérias consideradas fáceis, como arte, cultura, religião, entre outras. Alguns exemplos que podem ser dados de pessoas com dislexia são: Albert Einstein, Henry Ford, John Lennon, o político britânico Winston Churchill, a atriz, cantora e comediante Caryn Elaine, conhecida artisticamente como Whoopi Goldberg, entre outras pessoas que ficaram muito reconhecidas por seus feitos, apesar de possuírem esse distúrbio.

Citado por Brandão (2015, p. 29), Fonseca (1995) cita que apesar das dificuldades que o aluno disléxico possui isso não se relaciona com sua capacidade cognitiva, pois “[...] na maioria das vezes esses alunos possuem um QI totalmente de acordo com sua idade”. Portanto, percebe-se que as dificuldades apresentadas pelo aluno em questão não se relacionam com seu nível de inteligência, mas sim com a presença desse transtorno, que é a dislexia, visto que essas duas definições não possuem relações entre si.

A dislexia pode se apresentar em três tipos de perturbações: a disortografia, a disgrafia e a discalculia. Podendo ser diagnosticadas apenas uma, duas ou até as três características ao mesmo tempo em um único indivíduo. A disortografia é a persistência de erros na escrita, a disgrafia é a falta de coordenação motora, provocando uma escrita difícil de compreender ou ilegível, e a discalculia é a dificuldade em resolver problemas que envolvem cálculo.

A presença dessas várias características acarreta ao aluno, no ambiente escolar, um nível de mudança emocional que pode se manifestar de forma agressiva ou quieta, podendo variar de aluno para aluno, pois “[...] a tensão emocional, criada à volta desta dificuldade escolar, tem convertido o aluno numa criança agressiva, indisciplinada ou, pelo contrário, numa criança tímida, insegura e fechada sobre si própria” (RIBEIRO, 2008, p. 44).

Esse é um dos grandes problemas que um aluno disléxico enfrenta na escola, pois muitas vezes, por desconhecimento dessa característica no aluno, por parte do professor, o aluno pode ser visto apenas como bagunceiro, desinteressado, indisciplinado e, por conta disso, é necessário um olhar mais sensível para esses alunos e uma intervenção pedagógica para os mesmos possam desenvolver seus conhecimentos e atingir seus objetivos escolares, acadêmicos e profissionais.

1. **Interagir com a dislexia no contexto escolar de forma que ajude no desenvolvimento do aluno**

É de suma importância, que os professores tenham o conhecimento sobre o que é a dislexia, como interagir e ajudar alunos disléxicos no seu desenvolvimento dentro e fora da sala de aula. Como mostra Nico e Lanhez (2002, p.75) “Não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula”. E o professor deve avaliar o aluno disléxico de acordo com o seu conhecimento e sempre elogiá-lo, encorajá-lo e parabenizá-lo pelo trabalho que ele produziu, assim ele se sentira motivado e assim irá melhorar gradativamente.

Como relata Nico e Lanhez (2002, p.75):

Um dos pontos mais difíceis para um professor aceitar é a inconstância do trabalho do disléxico. Isso frequentemente dá origem a observações como: ‘você pode fazer melhor do que isso’, ou ‘trabalho descuidado!’. Nem sempre é compreendido que a criança disléxica se esforça demasiadamente na realização de um trabalho, mas o resultado não reflete necessariamente seu esforço. A nota da criança disléxica deveria ser dada de acordo com suas dificuldades e seus erros de ortografia. Como todos os alunos, a criança disléxica reagirá a elogios e encorajamentos [...].

Apesar dos disléxicos terem dificuldades na escrita, leitura e ortografia eles possuem uma facilidade maior em desenvolver outras áreas, como exemplifica Nico e Lanhez (2002, p.77) “[...] As pessoas afetadas apresentam grande desenvolvimento em outras áreas, como: artística, musical, criativa, esportiva etc.” Então são essas áreas que os professores devem se apoiar para auxiliar na aprendizagem do aluno. Segundo Nico e Lanhez (2002) os alunos disléxicos aprendem de maneira diferente dos outros estudantes, mas com o auxílio dos professores eles conseguem acompanhar o ensino tradicional, afirmam também que o melhor ensino para alunos disléxicos é em uma sala de aula normal, juntamente com os outros alunos e com um professor que entenda sua situação, organize suas aulas de maneira que ajude no desenvolvimento do aluno e esteja disponível para ajuda-lo quando necessário.

Segundo Ferreira (2010) o ensino adequado para crianças que apresentam essa deficiência fonológica é o ensino multissensorial que trabalha com as seguintes habilidades: visual, que se refere à forma ortográfica da palavra, auditiva, que é a forma fonológica, sinestésica, que é o movimento para escrever a palavra; tátil, que diz respeito ao toque do aluno em letras concretas. A vantagem desse método é que:

[...] a criança disléxica é capaz de usar áreas de força, ao mesmo tempo que exercita e fortalece áreas mais fracas. O objetivo é a criança aprender respostas automáticas duradouras (os nomes, os sons e formas de todos os fonemas) e desenvolver a habilidade de seqüencia-las corretamente nas palavras. O conhecimento a tornará tão segura que ele poderá produzir de qualquer maneira o símbolo quando necessário, seja na leitura, escrita ou soletração. Todo o seu sistema receptivo precisa interagir simultaneamente para isso acontecer. A ajuda dos pais pode ser muito importante, pois eles podem cooperar com os professores reforçando o trabalho de classe. Além da relação afetiva, por estar em casa, ampliam-se algumas possibilidades práticas (envolvimento dos sentidos). (NICO; LANHEZ, 2002, p.88-89).

Portanto com a utilização desse método o aluno terá uma maior facilidade em superar a deficiência e em acompanhar o ensino convencional, pois o professor irá trabalhar as áreas que as crianças disléxicas têm mais facilidade e praticar as áreas que a deficiência afeta. Brandão (2015, p.39-40) exemplifica alguns exercícios que o professor pode realizar em sala de aula para auxiliar o ensino do aluno disléxico.

Exercícios de percepção-visual: descrever um aluno presente na sala de aula e pedir que outros alunos o identifiquem; apresentar gravuras aparentemente iguais para que identifiquem a diferença; pedir que localizem uma determinada palavra no dicionário; pedir para escrever as diferenças das formas geométricas; jogo dos sete erros. Exercícios de memória-visual: reproduzir sinais de trânsito, imagens em geral e outros logotipos de marca para que os alunos identifiquem; jogo da memória; sequência e seriação. Exercícios de percepção e discriminação auditiva: apresentar sons gravados para que o aluno identifique e relate sua sensação ao ouvi-lo; dizer palavras de objetos presentes na sala e pedir para que os encontrem. Exercício de memória auditiva: propor um jogo falando uma frase que deve ser repetida e ampliada pelo aluno.

É fundamental que a família e amigos caminhem junto com a escola para que o método funcione e o aluno se sinta bem ao frequentar a escola, pois nesses casos de deficiência frequentemente acontece evasão escolar, uma vez que os alunos perdem a autoestima, se sentem solitários e desanimados por não conseguirem acompanhar o ensino. E com a compreensão, paciência e carinho de todos os envolvidos (escola, família e amigos), fará com que o aluno se sinta à vontade no ambiente escolar, consiga superar suas dificuldades e assim apresente resultados positivos.

Como aborda Brandão (2015, p.24):

Nas crianças disléxicas, o apoio da família é ainda mais importante. Entre as consequências da dislexia encontra-se a repetência e a evasão, pois se o problema não é detectado e acompanhado, a criança não aprende a ler e escrever. Mas a raiz destas questões está no desestímulo, a solidão, a vergonha, e implicações em seu autoconceito e principalmente o rebaixamento de sua autoestima, por que o aluno perde o interesse em aprender, se acha incapaz e desprovido de recursos intelectuais necessários para tal. A autoestima se origina na vivência familiar, para a descoberta do indivíduo, de si próprio como ser dentro do mundo em que vive.

Então o professor deve estar preparado para melhor desenvolver um ensino diferenciado em sala de aula para e ter o apoio de profissionais que possam ajuda-los quando precisarem de orientação. Como orienta Nico e Lanhez (2002, p.88) “Caso o professor sinta-se despreparado para ajudar a criança, deve recorrer de forma mais acentuada ao profissional que acompanha o caso, para que coordene atividades e receba orientação quanto à forma de atuar”.

Portanto, tendo em vista que a dislexia é uma dificuldade no aprendizado da leitura e escrita, com o apoio da escola, com um ensino adequado para o aluno disléxico e com o apoio de todos que convivem com ele, o mesmo irá conseguir superar as dificuldades, assim será possível ele acompanhar os outros alunos e continuar sua vida acadêmica se desejado. Como afirma Nico e Lanhez (2002, p.84-85).

É importante ressaltar que a dislexia é uma dificuldade, não uma impossibilidade para o aprendizado da leitura e escrita. Se e acompanhada no momento adequado e de forma adequada, o aluno contornará suas dificuldades de forma satisfatória permitindo que prossiga normalmente com sua carreira acadêmica, se assim o desejar e for motivado [...].

1. **Análise e discussões dos resultados**

Tendo em vista as características e os desafios enfrentados por um professor frente à dislexia buscaram através de entrevistas com duas professoras, uma do ensino regular e outra do AEE (atendimento educacional especializado), entender e comparar a metodologia utilizada pelas mesmas com esses alunos. É importante lembrar que ambas as professoras trabalham com os mesmos alunos, porém, a professora da educação básica regular trabalha com os alunos disléxicos juntamente com os demais alunos em uma sala de aula, enquanto a professora do atendimento educacional especializado trabalha especificamente com o aluno disléxico.

O primeiro ponto a ser analisado é a questão da formação. A professora da educação regular não possui formação em nenhuma área da educação inclusiva. Já a professora do AEE é formada em Psicopedagogia Institucional e Clinica, podendo assim pressupor que há um maior nível de capacitação para trabalhar com esses alunos especiais, conforme veremos mais adiante. Mas como Nico e Lanhez (2002, p.75) nos diz “Não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula”. E podemos perceber que a professora que não possui a formação sempre busca orientações para sua prática.

No que se refere à metodologia, a professora do ensino regular procura integrar os alunos disléxicos aos demais alunos. Diz ela:

Bom, a gente... As orientações de professor em sala de aula é que a gente não trabalhe diferente. Ao contrário, que a gente inclua e que os trate como iguais. Só que quando é para fazer trabalhos, qualquer atividade eu sempre coloco em dupla por que os que eu tenho ele são muito inteligentes, eles só não conseguem ler, mas oralmente eles entendem tudo. Se eu ler um texto para eles, eles conseguem interpretar até melhor do que os que leem.

Apesar de, na fala da professora, isso não apareça tão explicitamente, o que dá entender é que ela busca aplicar um método de cooperação, onde os alunos que tem boa capacidade leitora formem duplas com os alunos disléxicos para que ambos sejam capazes de produzir e completar a tarefa, uma vez que os alunos disléxicos não desenvolvem tão bem as capacidades de leitura, codificação e associação de palavras ao seu significado, conforme explica Marques (2014, p.26) que eles têm “dificuldade na distinção ou memorização de letras ou grupo de letras e de problemas de ordenação, ritmo e estruturação das frases”.

Já a professora do atendimento especializado aplica uma metodologia parecida com o método da professora da educação regular, mas de forma articulada. A seguir ela descreve o método utilizado para que esses alunos consigam desenvolver e completar as atividades propostas com mais facilidade

A aluna que eu trabalho ela necessita do ledor, então eu utilizo a seguinte metodologia: os conteúdos que são trabalhados em sala de aula ela transcreve direitinho do quadro para o caderno. Na sala multifuncional eu reforço a explicação desses conteúdos e acesso vídeo, ela assiste e a gente faz testes. Testar o conhecimento. Eu lendo para ela, ela responde oralmente, eu escrevo e ele transcreve.

A estratégia utilizada pela professora da Educação Especial é o ensino Multissensorial, esse método, desperta nos alunos as habilidades visual, auditiva, tátil e cinestésica. Para Ferreira (2010) Esse é o ensino adequado para alunos disléxicos, pois trabalha as habilidades que o aluno tem maior dificuldade e reformar as de maior facilidade. E assim irá acompanhar o ensino convencional com uma maior facilidade.

Em ambos os casos podemos perceber algo em comum: o uso de um ledor para facilitar o entendimento dos conteúdos por parte do aluno disléxico. No primeiro caso a professora utiliza os alunos no processo, já a professora do AEE participa mais ativamente em todo o processo e utiliza mais métodos específicos com o uso de materiais de mídia e transcrevendo as respostas faladas oralmente para que em seguida a aluna possa escrever aquilo que respondeu oralmente.

Essa metodologia utilizada pelas professoras auxilia o aluno no processo de compreensão dos conteúdos uma vez que, apesar de desenvolverem maior dificuldade na linguagem escrita, essa mesma dificuldade é “suprida” pela utilização da oralidade. Isso fica mais claro nas palavras da especialista em dislexia, Dra. Paula Teles (2002, p.6)

As crianças com dislexia apresentam uma “disrupção” no sistema neurológico que dificulta o processamento fonológico e o consequente acesso ao sistema de análise das palavras e ao sistema de leitura automática. Para compensar esta dificuldade utilizam mais intensamente a área da linguagem oral.

É importante também destacar a articulação feita pelas professoras para ajudar e facilitar no processo de desenvolvimento e adaptação do aluno disléxico aos trabalhos escolares propostos. Como citado anteriormente, a professora do atendimento especial procura sempre reforçar os conteúdos passados na aula regular.

A professora regular destaca que sempre é orientada pela professora do AEE:

[...] ela sempre nos orienta, vem na sala, na porta da sala, pergunta se a gente está precisando de alguma coisa. Quando a gente sente que o aluno tem muita dificuldade a gente manda para a sala dela, mas a gente procura não mandar, a gente tenta fazer com que ele fique, permaneça na sala de aula. Às vezes é eles mesmo que querem. “Professora**,** eu vou fazer na sala do AEE”. “Tá bom”. Quando eles não querem, eles ficam na sala. Como eu já falei, sempre sou orientada por ela. Como eu não tenho uma formação, quase ninguém na escola não tem... acho que ninguém, fora ela, então a gente sente muita dificuldade por isso, por não ter essa formação, mas ela está sempre está nos orientando como fazer.

Os estudiosos Nico e Lanhez (2002, p.88) nos mostra a importância dessa articulação que há entre elas, pois “caso o professor sinta-se despreparado para ajudar a criança, deve recorrer de forma mais acentuada ao profissional que acompanha o caso, para que coordene atividades e receba orientação quanto à forma de atuar”.

É perceptível que há uma liberdade, por parte do aluno para optar por assistir aula da professora do AEE caso não consiga compreender o conteúdo nas aulas normais. Essa interação feita pelas professoras é de fundamental importância para que o aluno possa desenvolver-se de forma melhor, pois enfatiza-se

[...] a necessidade de professores de apoio com formação especializada pois, o facto de muitos professores de apoio educativo não possuírem formação especializada coloca obstáculos à eficaz colaboração com os seus colegas de ensino regular, pois a fragilidade das suas competências profissionais provocará insegurança e, simultaneamente, desenvolverá nos professores do ensino regular uma atitude de reserva e baixa expectativa (RIBEIRO, 2008. p. 53, apud, MORGADO, 2003).

A professora do AEE relata que umas das maiores dificuldades enfrentadas ao trabalhar com alunos que possuem essa deficiência fonológica, é a autoestima baixa dos mesmos e a falta de apoio familiar. Pois com o tardar do seu diagnóstico e o fato de não conseguirem evoluir na leitura igualmente com os seus colegas de classe, eles se sentem excluídos, inseguros, passam a não acreditar na sua capacidade de aprender acarretando repetências e evasão escolar. Então com uma metodologia de ensino adequada e apoio da família, amigos e a escola no geral, esses alunos passam a acreditar no seu potencial a se sentirem bem consigo mesmo e a vontade no ambiente escolar e social. Como descreve a seguir a professora do atendimento especializado.

[...] Então ela já não acreditava no potencial dela então assim a maior dificuldade que a gente encarou, que nós tivemos foi fazer com que essa aluna passasse a creditar que tinha como uma outra forma de uma outra metodologia ela poderia avançar, hoje ela já acredita nela hoje ela até já tem, as vezes ela ler uma palavrinha mais fácil depois esquece tem toda essa situação a dificuldade da questão da autoestima de acreditar em si mesmo hoje, ela é insegura quando está distante da gente ela ainda é insegura mas ela já consegui fazer alguma coisa sozinha. Como por exemplo o ano passado ela passou para a segunda fase da OBMEP e a leitora dela não era de nenhuma de nos daqui da escola era uma pessoa da DIRED e ela disse que ficou com muito medo pôr a pessoa não ser conhecida, mais conseguiu fazer a prova então a maior dificuldade que foi enfrentada foi fazer com que ela e a família acreditasse no potencial que ela tem.

Para a metodologia das professoras obterem o objetivo desejado é necessário a integração de todos os envolvidos na vida do educando, com carinho compreensão e paciência, a criança irá superar seus medos e dificuldades assim conseguindo com mais disposição vencer os problemas causados pela dislexia.

Assim como Brandão (2015) consideramos essencial a presença dos familiares nesse processo de integração dos alunos disléxicos na sociedade junto aos professores, como um pilar para o seu desenvolvimento cognitivo e pessoal, tendo em vista sempre a compreensão das dificuldades tidas por estes alunos, para que se possa intervir de forma adequada, fortalecendo as relações afetivas no decorrer das práticas educativas para à construção de um vínculo de confiança entre os envolvidos (família e escola).

1. **Considerações finais**

É perceptível a complexidade da dislexia, pois envolve tanto aspectos neurológicos quanto psicológicos e até emocionais, e por conta disso, a dificuldade de lidar com esse problema se torna cada vez maior no ambiente familiar e principalmente no ambiente escolar. Levando em conta o apoio teórico e as entrevistas feitas se nota que a dificuldade de lidar com crianças disléxicas se dão, mais exatamente por três motivos: o primeiro é perceber a dislexia em um aluno precocemente, que não foi o caso das professoras entrevistadas, uma vez que quanto mais tempo durar para ser diagnosticada a dislexia, mais difícil será diminuir e superar as dificuldades que o aluno possa vir a desenvolver, o segundo é não perceber o aluno com a dislexia, seja pela própria família ou pelos professores, considerando a falta de conhecimento dos pais e dos professores sobre o assunto, uma vez que não há um diagnóstico especifico para todos os casos, podendo variar de pessoa para pessoa, fazendo com que o aluno seja visto como revoltado, bagunceiro, preguiçoso ou antissocial, em vez de perceber o verdadeiro diagnóstico do problema. O terceiro motivo é a falta de preparo profissional do professor para criar métodos pedagógicos diferentes e divertidos que possibilite um maior interesse do aluno pelas matérias de maior dificuldade e o seu melhor desenvolvimento no espaço escolar. Portanto, é necessário um maior nível de formação pedagógica dos professores para que possam se especializar em áreas como essa e possam desenvolver métodos que ajudem esses alunos em seu desenvolvimento, ou então busque orientações com colegas de trabalho que possua essa formação. O olhar do professor deve ser mais cuidadoso com relação ao aluno e é fundamental que tenha conhecimento sobre as características da dislexia, para não confundirem esse distúrbio com um fator cotidiano qualquer do dia-a-dia escolar e, deve haver um acompanhamento contínuo dos pais para que possam avaliar o filho nas suas tarefas de casa, seu nível de desenvolvimento e suas dificuldades, havendo sempre uma comunicação entre pais e professores para melhor acompanhar e tratar a dislexia.

**Referências**

BRANDÃO, Letícia Peixoto Morais. **Dislexia: características e intervenções.** Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Candido Mendes pós-graduação “Lato Sensu” AVM Faculdade Integrada, Rio de Janeiro, 2015.

FERNANDES, Rosely Aparecida; PENNA, James dos Santos. Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos. **Revista Terceiro Setor**, v. 2, n. 1, 2008.

LANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece:** como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. Rio de janeiro: Elsevier, 2002.

LIMA, Gabriel Haua de. Dislexia um transtorno solucionável. Rio de Janeiro: Instituto A vez do Mestre. 2010. (p. 1-36)

MARQUES, Daniela de Almeida. **O jogo no desenvolvimento da criança disléxica.** 2014. Dissertação (Mestrado em ciências da educação) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2014.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional**: o prazer de conhecer. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

RIBEIRO, Florbela Lopes. A Criança Disléxica e a Escola. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto, 2008.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Rev. Psicopedagogia** São Paulo, vol. 33 n. 100, p. 86-97, 2016.

TELES, Paula. Dislexia: como identificar? Como intervir?. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**, Lisboa, n. 2, p. 1-23, dez. 2004.